

PRONUNCIAMENTO SOBRE A CRISE DE INCÊNDIOS E SECAS NA AMAZÔNIA

Apelo para um novo olhar sobre nossa Casa Comum

Diante da grave situação da seca prolongada e da propagação de incêndios florestais no território amazônico, a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) e a Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA) queremos expressar nossa profunda preocupação com a destruição de milhões de hectares do bioma amazônico. Essa destruição afeta não apenas a flora e a fauna, mas também os povos que habitam esse território sagrado há séculos, cujas vidas e culturas estão profundamente interconectadas com os ecossistemas que agora estão ameaçados.

Lamentamos que continuemos a transformar o grande dom de Deus da criação em uma mercadoria (*Laudato Si'*, nº 30), e que a Amazônia continue a ser vista como um território a ser explorado. A crescente pressão das atividades extrativistas, tanto legais quanto ilegais, está avançando às custas do valor intrínseco da criação e das comunidades que a habitam. O modelo de capitalismo extrativista não é apenas insustentável, mas também ameaça diretamente os modos de vida tradicionais e comunitários que preservaram esse território por milênios.

Sabemos que a Amazônia sempre passou por períodos de seca em determinados meses do ano. No entanto, as secas recentes foram significativamente agravadas pela crise climática, exacerbadas pelas ações humanas e impulsionadas pela exploração desenfreada dos recursos naturais. A extração indiscriminada de madeira, a construção de estradas e outras atividades extrativistas de grande escala deixam enormes quantidades de biomassa seca, que atuam como combustível em condições de seca extrema, intensificando os incêndios florestais.

Este círculo vicioso de secas mais fortes, incêndios descontrolados e ação ineficaz das autoridades está levando a Amazônia a um ponto crítico, ameaçando sua biodiversidade única e enfraquecendo irreversivelmente sua capacidade de regeneração. As consequências são devastadoras, não apenas para os ecossistemas locais, mas para todo o planeta. A perda desse bioma acelera os impactos das mudanças climáticas e altera os ciclos globais da água. Para os povos da Amazônia, a situação é ainda mais trágica, pois enfrentam a morte, impactos físicos graves e, em muitos casos, a migração forçada. Atualmente, comunidades inteiras estão sendo deslocadas de seus territórios ancestrais, criando uma crise humanitária devida aos incêndios.

A inação do Estado e o descumprimento das regulamentações ambientais existentes exigem ações urgentes. Os governos e as autoridades competentes precisam implementar reformas legislativas que fortaleçam a proteção ambiental, defendam os direitos das comunidades sobre seus territórios e garantam os direitos humanos, especialmente os dos defensores do meio ambiente.

Diante dessa situação, fazemos um apelo urgente aos governos dos países amazônicos e à comunidade internacional para que tomem medidas firmes e coordenadas diante da devastadora crise ambiental que estamos enfrentando. É necessária uma nova visão da Amazônia, uma visão que nasça do diálogo intercultural com as comunidades que habitam o território e que articule o conhecimento tradicional com o conhecimento científico contemporâneo (Querida Amazônia, nº 51). A crise atual exige que os planos e políticas sejam elaborados de forma eficaz, a longo prazo e com foco na corresponsabilidade, envolvendo ativamente as comunidades locais na gestão de seus territórios, garantindo que suas vozes e direitos sejam respeitados.

Também é fundamental fortalecer iniciativas globais que promovam o reconhecimento dos ecossistemas amazônicos como sujeitos de direitos. O respeito à integridade da natureza e sua conservação devem se tornar princípios norteadores dos modelos de desenvolvimento e da exploração dos recursos naturais, visto que essa abordagem mercantilista e predatória não pode continuar.

É urgente promover uma visão do bem viver, inspirada no conhecimento ancestral, nas economias para a vida e na capacidade de adaptação das comunidades amazônicas, como uma alternativa para mitigar as práticas extrativistas existentes. Alertamos para a desconcertante perda de resiliência dos ecossistemas amazônicos, pois especialistas apontam que a região pode estar se aproximando de um ponto sem retorno, colocando em risco não apenas as populações locais, mas também a estabilidade climática do Planeta.

Reiteramos que é essencial nos questionarmos sobre a relação que temos com a natureza, criarmos uma consciência cidadã sobre a importância desse território como nossa casa comum e agirmos com urgência para adotar medidas para deter a crise que estamos vivendo.

REPAM e CEAMA
26 de setembro de 2024.